Boletim Semanal* – 31/2022 – 18 de agosto de 2022

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo Winckler Godinho

As geadas esperadas para esta sexta-feira e sábado devem abranger a metade sul do Paraná, segundo o Simepar. Caso a expectativa se confirme, ao menos um terço da área de trigo em campo atualmente não deve ter registros do fenômeno, poupando a região onde se encontram mais lavouras suscetíveis em nosso estado, o Norte.

Nas regiões onde as temperaturas negativas serão registradas, o fenômeno deve causar níveis diferentes de problemas conforme sua intensidade e a fase do trigo. Para as lavouras que não chegaram nos períodos mais críticos, iniciados na antese (floração em nosso relatório), não haverá perdas de produtividade. Atualmente as lavouras nesta fase se concentram na região de Guarapuava, sendo comuns também no entorno de Ponta Grossa. No Oeste, a princípio, as geadas deverão ser mais fracas, restringindo o potencial de dano. Por outro lado, há uma preocupação com a Região Sudoeste do Paraná, onde aproximadamente metade das lavouras estão espigando ou enchendo grãos, e devem ocorrer geadas moderadas e fortes, conforme classificação disponível na página do Simepar.

Apesar da ocorrência das geadas anteceder a semana de atualização de área e produção de nosso Departamento, os números de agosto não deverão ter alterações nas produtividades em decorrência desta frente fria, dada a impossibilidade de avaliar os danos a campo em menos de duas semanas. No entanto, serão registradas as perdas ocasionadas pela seca que antecedeu as últimas chuvas, pois a colheita chegou a 1% da área nesta semana e ocorreu justamente nas regiões onde o tempo sem precipitações chegou a 50 dias.

MILHO

Administrador Edmar Wardensk Gervásio

A colheita da segunda safra de milho 21/2022 atingiu 79% da área total estimada de 2,7 milhões de hectares. Os trabalhos de campo estão adiantados comparativamente às últimas safras. Nos próximos dias, os trabalhos de colheita devem arrefecer-se devido às chuvas que estão acontecendo no Paraná. Contudo, num primeiro momento, isso não deve gerar impactos negativos para a cultura. No campo, 98% da área a colher já se encontra em maturação e apenas 2% em frutificação.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

MANDIOCA

Economista Methodio Groxko

Após um longo período de estiagem, as condições climáticas voltaram à normalidade nas principais regiões produtoras de mandioca. Na semana passada foram registradas chuvas, principalmente nos Núcleos Regionais de Paranavaí e Umuarama, onde os trabalhos de campo já estavam prejudicados. Nestes Núcleos, a falta de chuva estava dificultando a colheita e também o plantio da nova safra de 2022/2023, que normalmente se inicia a partir de junho. Nas demais regiões do Estado, os trabalhos com o plantio deverão se concentrar nos meses de setembro e outubro.

A partir desta semana acredita-se na retomada pela colheita, podendo reduzir, momentaneamente, a dependência da mandioca que as indústrias paranaenses vêm adquirindo no Oeste de São Paulo e parte no Mato Grosso do Sul. Assim mesmo, segundo o CEPEA, as indústrias continuam trabalhando com uma ociosidade em torno de 60% da capacidade instalada.

Os preços recebidos pelos produtores continuam se mantendo em alta. Em termos nominais, a variação passou de R$ 435,00/t de mandioca, em julho de 2021, para R$ 886,00/t, em julho de 2022, aumento de 104%. Na última semana, o produtor recebeu, em média, R$ 888,00/t de mandioca posta na indústria. A fécula no atacado foi comercializada por R$ 126,00/sc de 25 kg e a farinha vendida a R$ 168,00/sc de 50 kg.

FLORICULTURA – GRAMADOS E ORNAMENTAIS

Engenheiro Agrônomo Paulo Andrade

No Paraná, em 2021, os gramados e as plantas perenes ornamentais representaram 74,9% do Valor Bruto da Produção Agropecuária/VBP preliminar dos produtos da floricultura, para uma renda bruta de R$ 156,9 milhões gerados no campo.

A produção de gramas, em 14,2 milhões de m², proporcionou um VBP de R$ 83,4 milhões. Os Núcleos Regionais de Curitiba, Maringá, Cascavel, Toledo e Londrina, com 33,1%, 21,7%, 16,5%, 9,9% e 7,9%, respectivamente, congregam 89,0% dos cultivos de gramados.

São José dos Pinhais, com 3,9 milhões de m² de gramados e valor de R$ 22,6 milhões, tem parcela de 27,1% no

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

VBP estadual do setor, seguido por Marialva com 1,7 milhão de m² e R$ 9,9 milhões. Estes dois municípios respondem por 39,0% do total.

As Plantas Perenes Ornamentais movimentaram R$ 34,2 milhões em VBP em uma produção de 1,56 milhão de unidades, tendo nos núcleos de Curitiba (56,5%), Cianorte (20,5%) e Maringá (19,4%) as principais regiões produtoras. Juntos estes Núcleos Regionais são responsáveis por 96,4% do segmento.

Concentrando 91,4% da atividade, os municípios de Agudos do Sul, Cianorte, Marialva, Piên e Campina Grande do Sul, com 36,6%, 20,5%, 19,2%, 9,6% e 5,5%, pela ordem, cristalizam os cultivos das plantas perenes ornamentais em nosso estado.

AVES

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

Exportações de carne de frango crescem 6% em 2022

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne de frango (considerando todos os produtos, entre in natura e processados) totalizaram 2,828 milhões de toneladas nos sete primeiros meses de 2022, resultado 6% superior ao total embarcado no mesmo período de 2021, cujo total foi de 2,668 milhões de toneladas.

O faturamento em dólares das exportações do ano corrente alcançou US$ 5,620 bilhões, número 33,3% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado, com US$ 4,216 bilhões.

Em julho, as vendas internacionais de carne de frango totalizaram 405,3 mil toneladas, volume 4,5% menor que o total exportado no sétimo mês de 2021, com 424,4 mil toneladas. Em receita, houve aumento de 20,7%, com US$ 892 milhões neste ano, contra US$ 739,2 milhões em 2021.

Os Emirados Árabes Unidos assumiram, novamente, a liderança nas exportações de carne de frango do Brasil, com 37,8 mil toneladas exportadas em julho, número 11% superior ao alcançado no mesmo período de 2021.

A China, no segundo posto, importou 37,5 mil toneladas (-40,5%). Em terceiro lugar, a Arábia Saudita importou 37,2 mil toneladas (+52,7%). Outros destaques do mês foram Filipinas, com 21,8 mil tonela-

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

das (+16,1%), Coreia do Sul, com 18,8 mil toneladas (+79,4%) e Singapura, com 15,4 mil toneladas (+93,2%).

Projeções da avicultura de corte para 2022 e 2023

Em 28 de julho, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) divulgou projeções sobre a avicultura de corte, indicando que a produção brasileira deverá atingir 14,5 milhões de toneladas em 2022, um aumento de cerca de 1% em relação ao ano passado.

Para 2023, a previsão é que a produção da proteína cresça 4,5% no comparativo com 2022, atingindo até 15 milhões de toneladas.

Quanto às exportações brasileiras de carne de frango, segundo a instituição maior da proteína animal do país, esta deverá crescer 6% em 2022, alcançando 4,9 milhões de toneladas. Entretanto, para o ano de 2023, projeta-se um crescimento de 6% sobre 2022, fechando num volume embarcado de 5,2 milhões de toneladas.

Para 2022, a disponibilidade interna de carne de frango deve subir apenas 0,5%, com projeção de um volume total de 9,8 milhões de toneladas, sendo que para o ano de 2023, a previsão é de um crescimento em torno de 10 milhões de toneladas, representando uma alta de 2%.

Em relação ao consumo brasileiro da proteína avícola, 2022 deve se manter estável em comparação a 2021, com marca de até 45,5 quilos per capita/ano, sendo que, para 2023, estima-se uma alta de até 2%, chegando a 46 quilos per capita/ano.

SUINOCULTURA

Administrador Edmar Wardensk Gervásio

O Paraná exportou, entre janeiro e julho de 2022, 89,8 mil toneladas de carne suína, volume 4% maior que o mesmo período de 2021. Nosso principal cliente foi Hong Kong, que importou 22% desse total.

Já o Brasil exportou 594,5 mil toneladas, queda de 9% no período. Santa Catarina é o Estado que mais exporta carne suína, tendo 55% do total, seguido pelo Rio Grande do Sul com 22%. O Paraná é o terceiro maior exportador, com participação de 15%. Os três Estados do Sul são responsáveis por 93% da exportação de carne suína do Brasil e o Paraná foi o único dos três que teve aumento nas exportações em 2022.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

CARNES

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

Setor de carnes, depois do complexo soja, é o mais representativo nas exportações do agronegócio

De acordo com levantamento elaborado pela Secretaria de Comércio de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), divulgado em 12 de agosto, as exportações brasileiras do agronegócio alcançaram um valor recorde nos sete primeiros meses de 2022, com faturamento de US$ 93,51 bilhões (+28,9%).

Mais uma vez, a alta expressiva dos preços (+27,7%) justificou o montante do período, já que o volume exportado cresceu bem menos (+1,3%). O agronegócio representou 48,1% das exportações totais brasileiras.

As importações do agronegócio alcançaram US$ 9,60 bilhões no semestre (+9,9%), valor determinado pela variação dos preços médios (+17,3%), já que o índice de *quantum* caiu 6,3%. O valor descrito não inclui os insumos importados para produção agropecuária.

Os cinco setores que mais contribuíram para o aumento de US$ 20,94 bilhões nas exportações do agronegócio, comparado aos sete primeiros meses de 2021, foram: complexo soja (+US$ 9,74 bilhões); carnes (+US$ 3,53 bilhões); cereais, farinhas e preparações (+US$ 2,64 bilhões); produtos florestais (+US$ 1,97 bilhão); e café (+US$ 1,94 bilhão).

Em conjunto, estes setores foram responsáveis por 83,1% das vendas externas de produtos do agronegócio. O complexo soja, principal setor do agronegócio, registrou US$ 43,78 bilhões (+28,6%) entre janeiro e julho de 2022, com alta de 33,5% dos preços médios e queda de 3,6% do volume embarcado.

O setor de carnes manteve a segunda posição dentre os que mais contribuíram para as exportações do agronegócio brasileiro nos sete primeiros meses de 2022, com US$ 14,60 bilhões (+31,9%) e 4,78 milhões de toneladas (+6,7%), com forte alta dos preços internacionais (+23,6%, em média).

Carne Bovina

Nos sete meses de 2022, as exportações de carne bovina (in natura, industrializada e miudezas) representaram 50,7%

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

das vendas do setor de carnes, somando US$ 7,40 bilhões (+45,7%) - valor justificado pela alta dos preços médios de exportação (+23,8%) e pelos volumes (+17,7%).

Os preços internacionais da carne bovina atingiram a máxima histórica em abril de 2022, com o abate excepcionalmente apertado pela oferta de gado na América do Sul e Oceania (baixos estoques e demanda significativamente alta para reconstrução do rebanho).

As exportações brasileiras de carne bovina in natura registraram recordes em 2022, tanto em valor, US$ 6,72 bilhões (+52,1%), quanto em volumes, 1,10 milhão de toneladas (+21,9%).

A China é o principal drive de crescimento da demanda mundial pelo produto, com exportações brasileiras de US$ 4,45 bilhões (+78,6%), ou 66,3% do total exportado.

O segundo destino foram os Estados Unidos, US$ 294,10 milhões (+120,0%), seguidos do Egito, US$ 285,08 milhões (+173,1%) e da União Europeia, US$ 260,35 milhões (+33,3%).

O volume total exportado de carne bovina subiu 17,7% (2021: 1,064 milhão de toneladas / 2022: 1,252 milhão de toneladas) e preço médio 23,6% maior (2021: US$ 4.775/t e 2022: US$ 5.911/t).

Já o ingresso de divisas com essa exportação cresceu 45,7%, atingindo, em 2021, US$ 5,082 bilhões e, em 2022, US$ 7,403 bilhões.

Carne de Frango

As exportações de carne de frango in natura também mantiveram recordes em valor - US$ 5,27 bilhões (+33,2%) –, e volumes - 2,67 milhões de toneladas (+5,5%), com alta expressiva dos preços médios de exportação (+26,2%).

Em 2022, os preços internacionais alcançaram patamares recordes, em virtude da forte demanda global de importação e da oferta limitada por surtos de gripe aviária no Hemisfério Norte, mesmo com retorno gradual das exportações da Ucrânia.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango in natura foram: China (US$ 756,78 milhões; +5,6%); Emirados Árabes (US$ 599,64 milhões; +98,7%); Japão (US$ 516,79 milhões; +21,9%); Arábia Saudita (US$ 500,61 milhões; +12,5%); União Europeia

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

(US$ 292,51 milhões; +78,3%) e México (US$ 230,20 milhões; +121,4%).

O volume total exportado de carne de frango, de janeiro a julho de 2022, cresceu 5,8% (2021: 2,589 milhões de toneladas / 2022: 2,739 milhões de toneladas) e teve preço médio 26,1% maior (2021: US$ 1.591/t) e 2022 (US$ 2.005/t). Já o ingresso de divisas com essa exportação cresceu 33,3%, atingindo: 2021 (US$ 4,119 bilhões) e 2022 (US$ 5,493 bilhões).

Carne Suína

A carne suína in natura segue trajetória de queda de preços observada desde o princípio de 2022 – o preço médio de exportação do produto brasileiro, comparado a janeiro e julho de 2021, caiu 9,5%. Além dos preços, o volume exportado registrou queda de 7,9%, resultando em exportações de US$ 1,25 bilhão (-16,7%).

O cenário de baixa demanda por importações se mantém, sobretudo após a recuperação da produção chinesa (cerca de 52 milhões de toneladas, excedendo o nível de produção anterior à dramática propagação do Vírus da Peste Suína Africana - PSA, em 2018).

A China foi o principal destino das exportações brasileiras, representando 37,3% do total: US$ 464,51 milhões (-47,3%). Hong Kong, terceiro destino, também apresentou queda de exportações, com US$ 105,71 milhões (-33,3%).

Destaque para o crescimento das exportações para as Filipinas, US$ 110,06 milhões (+354,5%), para Cingapura, US$ 87,15 milhões (+27,0%), Argentina, US$ 60,92 milhões (+41,7%) e Japão, US$ 55,91 milhões (+112,3%), segundo, quarto, quinto e sexto mercado mais importante, respectivamente.

No acumulado de janeiro a julho, o volume total exportado de carne suína caiu 9,2% (2021: 655 mil toneladas / 2022: 594 mil toneladas) e o preço médio foi 8,1% menor (2021: US$ 2.417/t, e 2022: US$ 2.221/t). Já o ingresso de divisas com essa exportação decresceu 16,5%, atingindo, em 2021, US$ 1,582 bilhão e, em 2022, US$ 1,320 bilhões.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

OVOS

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

Produção de ovos tem queda de 1,25% no primeiro semestre de 2022

De acordo com os resultados preliminares da Estatística da Produção Pecuária obtida pela Pesquisa Trimestral de Produção de Ovos (POG), divulgada no dia 11 de agosto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção de ovos de galinha alcançou 992,44 milhões de dúzias no primeiro trimestre de 2022, correspondendo a uma redução de 0,6% sobre igual trimestre de 2021 (998,454 milhões de dúzias), e aumento próximo de 1,6% em comparação com o primeiro trimestre de 2022 (977,201 milhões de dúzias).

Os resultados completos para o segundo trimestre de 2022 e para as unidades da federação serão divulgados no dia 6 de setembro.

A produção brasileira de ovos de galinhas, no primeiro semestre de 2022, atingiu quase 1,970 bilhão de dúzias ou 23,640 bilhões de unidades, um recuo de 1,25% sobre igual semestre de 2021 (1,995 bilhão de dúzias ou 23,940 bilhões de unidades).

Supõe-se que tal realidade deva-se aos elevados custos de produção verificados com a explosão dos preços dos principais insumos (milho e farelo de soja), que levaram o segmento a buscar ajustes via redução do plantel de poedeiras, a fim de equilibrar as despesas, as receitas e garantir alguma rentabilidade positiva.

Produção nacional de ovos cresce 0,2% em 2021

De acordo com o IBGE/ Pesquisa Trimestral de Produção de Ovos (POG), a produção total de ovos de galinhas atingiu 3,976 bilhões de dúzias (47,71 bilhões de unidades) em 2021, representando um crescimento de 0,2% sobre a produção alcançada em 2020 (3,199bilhões de dúzias (38,39 bilhões de unidades).

Acrescente-se que a produção de ovos levantada pelo IBGE abrange granjas com mais de 10.000 aves poedeiras e não apenas o produto de consumo humano (81%), mas também os ovos destinados à incubação.

Em 2021, o Paraná continuou na segunda colocação no ranking nacional da produção de ovos, com 358,279 milhões de dúzias produzidas (9% do total nacional),

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

volume 0,8% menor que em igual período de 2020 (361,278 milhões de dúzias).

É antecedido por São Paulo (1,102 bilhão de dúzias / 27,7% da produção nacional), vindo em terceiro lugar o estado de Minas Gerais (349,183 milhões de dúzias), em quarto lugar o Espirito Santo (348,409 milhões de dúzias) e, em quinto lugar, o Rio Grande do Sul (272,693 milhões de dúzias).

No Brasil, o plantel de galinhas poedeiras situa-se no seguinte patamar (milhões de cabeças): 2017 (155,0), 2018 (166,5), 2019 (172,0), 2020 (174,5) e 2021 (174,2).

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**